

A ANTROPOFAGIA E O TOTEM E TABU: UM DIÁLOGO ENTRE FREUD E OSWALD DE ANDRADE

Cassius Assunção Martins

(Graduando em Psicologia - UNINORTE)

Tupi or not tupi that is the question (Oswald de Andrade, 1928)

RESUMO O movimento modernista brasileiro foi um dos pilares na consolidação do valor da arte nacional, tendo como uma de suas principais vertentes a Antropofagia, criada por Oswald de Andrade (1890-1956). A antropofagia, no sentido etimológico, é o ato de um homem se alimentar da carne de outro. No sentido artístico, rogado por Andrade, é o ato de canibalizar o outro para assumir a sua vitalidade. Na segunda década do século XX, Sigmund Freud (1856-1939) inaugurou um estudo antropológico sobre a constituição do homem e de sua cultura no livro *Totem e Tabu* (1913), que desenvolve a tese do banquete totêmico primordial: Quando os homens canibalizaram o *Pai da Horda*, pondo fim a sua tirania e assimilando suas qualidades. Nesse sentido, o presente trabalho dialoga com os ideais artísticos antropofágicos e as teorias freudianas referentes à questão do ritual canibalístico simbólico na sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE Arte; Modernismo; Antropofagia; Psicanálise.

INTRODUÇÃO

Apesar das discussões sobre o estopim do Modernismo brasileiro, seu marco zero foi a realização da Semana de Arte Moderna em 1922 no Teatro Municipal de São Paulo que, com frequência, era apreciado pela elite conservadora paulistana (BRITO, 1974). Os modernistas buscavam romper com os cânones estabelecidos em um mundo já circunscrito pela reprodução de imagens (cinema e fotografia), fazendo os artistas, cada vez mais, valorizarem os ideais e os projetos por trás das obras — deixando-as de serem apenas meras superfícies visuais — com o objetivo de analisá-las interiormente, considerando o seu caráter psicológico que era negligenciado até então (FILHO, 2020).

A psicanálise, no Brasil, durante esse período, tinha sido difundida por simpatizantes da chamada vanguarda brasileira que formavam os grupos de intelectuais modernistas (RUSSO, 2002). A história da psicanálise em terras tupiniquins é marcada pelo florescer do modernismo nas artes e na literatura dentro de movimentos de subversão da arte canônica (RIVERA, 2019). O

modernismo retirou da psicanálise uma boa parte dos seus projetos e tentativas de estabelecer uma revolução no Brasil:

[A] partir da entrada da psicanálise no cenário do pensamento sobre o Brasil e os brasileiros, a cultura passaria a ser assimilada em termos de um conflito estrutural entre a civilização (europeia), relacionada intimamente às regras, à razão e, portanto, à consciência, e o sujeito do inconsciente, a partir do qual a sexualidade, o primitivo e o caos resistiriam à absorção pela civilização (FACCHINETTI; PONTES, 2003, pp. 63-64).

Uma das vertentes mais importantes do movimento modernista brasileiro foi a agressiva Antropofagia — o sentido etimológico da palavra se refere ao ato de comer a carne de outro homem — cunhada por Oswald de Andrade pelo livro *O Manifesto Antropófago* ([1928], 1990), que procurava na ingestão do outro (o estrangeiro) a assimilação de sua força vital, explicitamente inspirado nas teorias freudianas. O tema canibal é recorrente na obra *Totem e Tabu* (1913). Assim, o presente artigo propõe um diálogo entre as ideias dos dois autores e suas contribuições para o movimento modernista do período.

ANDRADE E FREUD: UM DIÁLOGO

Oswald de Andrade (1890-1954) inaugurou o primitivismo nativo no Brasil com ênfase na realidade sociocultural brasileira e na importância de um resgate da origem político-social do povo com bases psicológicas. Este fato levou a pelo menos dois focos: o primeiro, foi uma valorização dos “estados brutos da alma coletiva, que são fatos culturais; no segundo, deu relevo à simplificação e à depuração formais que captariam a *originalidade nativa* subjacente” (NUNES, 1990, p. 10 [grifo do autor]). A antropofagia tinha nascido da necessidade de desconfiar da comunidade vigente de sua época. Sua semântica tem duas pautas: 1) O *etnográfico*, que remete às primeiras sociedades vivendo no Brasil antes da colonização portuguesa; e 2) A *história*, que condiz com a rebeldia contra os tabus na sociedade brasileira (NUNES, 1990). Ainda em Benedito Nunes (1990), ele propõe que o *Manifesto Antropófago* se encontre em três planos: o plano simbólico da repressão — a crítica da cultura —, o plano filosófico das ideias metafísicas e o histórico-político da revolução caraíba.

Nunes (1999) atenta para como a agressividade, característica do movimento antropófago em suas fábulas e provérbios, transformava a literatura em uma arma de rebelião individual ferrenhamente crítica com os sistemas brasileiros vigentes. Assim como Marx, outra grande inspiração para Oswald de Andrade, os antropófagos foram capazes de enxergar o problema político pelo ideal utópico que renovaria a vida em toda a sua totalidade, através de uma idealização do homem natural (o primitivo), que seria a linha revolucionária que coroava o escudo do proletariado. Sobre essa questão, é o que “se atribui no processo do modernismo brasileiro, o relevante papel de diferenciador político, que descompartmentou a atividade literária e artística, pondo-a em conexão com a existência social como um todo” (NUNES, 1999, p. 232).

A devoração antropofágica é um diagnóstico da sociedade nacional, consequência da traumatizante colonização. Entretanto, ao mesmo tempo, ela é terapêutica por se opor de forma sistemática e violenta ao *status quo* dos mecanismos políticos e sociais da intelectualidade e das manifestações artístico-literárias. O cerne da questão é a construção de uma identidade, mais especificamente nas relações entre identidade e diferença na constituição de um povo, o povo brasileiro seria o avesso a uma forma identitária (VASCONCELLOS, 2011). Nesse sentido:

A devoração deixou de ser, para os intelectuais das vanguardas europeias e latino-americanas, um estereótipo de crueldade e constituiu-se como uma importante força instintiva, extremamente adequada para se criticarem os tabus instaurados pela arte acadêmica, pela moral cristã, pelo discurso iluminista, pelas atitudes imperialistas. Totemizado pela visão estética, filosófica e antropológica do início do século XX, o gesto antropofágico tornou-se, metaforicamente, um ritual indispensável para se questionar a produção artística, a prática religiosa, a identidade nacional, a política capitalista e a relação entre as culturas (NETTO, 2004, p. 41).

A recuperação do primitivo e do canibal seria de útil oportunidade para romper com a cordialidade e a bondade do povo brasileiro para com os estrangeiros. O guerreiro ancestral deveria ser incorporado pelo brasileiro para que fosse possível a eliminação de todos os tipos de colonialismo, seja ele um colonialismo político, econômico, cultural ou linguístico, por meio da ingestão do colonizador (NETTO, 2004). Antes vilanizado e estereotipado sobre os corpos

indígenas, o culto da devoração antropofágica passou de um vilão para herói “que vence seu inimigo na guerra e se alimenta dele por vingança e assimilação, não simplesmente por fome” (NETTO, 2004, p. 47).

Vale mencionar que havia traços antropofágicos antes e durante o período colonial dentro da cultura de alguns povos indígenas, que interpretavam o ato da ingestão de outro homem de forma sagrada, antepassado por um ritual divino. Os portugueses analisaram esses rituais pela sua ótica cultural, contribuindo para a sua preconcepção de selvageria por parte desses nativos, uma vez que tais práticas já não eram mais observadas na Europa (AGNOLIN, 2002).

Para Freud, a assimilação — que também é encontrada na literatura psicanalítica — significa a ingestão de uma substância do mundo exterior, equivalendo para o psiquismo à fusão de materialidades do mundo externo com o interno, tomando todas as suas características para si, ou seja, assumindo-as, assimilando-as (FREUD, [1913], 1991). O princípio do prazer¹⁰, que constitui a natureza humana, é o corretivo do princípio da realidade¹¹, a razão. O homem, para Oswald, só encontrará a sua essência quando ele se conciliar com esses dois princípios, incorporando-os, criando um elo afetivo e efetivo do indivíduo com os outros que compõem o mundo, resultando em um sentimento sacro de humanidade. Todavia, dentro do contexto das sociedades industriais que o Brasil vivia na época, este processo só ocorrerá:

[Q]uando os mecanismos psicológicos e sociais de repressão deixassem de funcionar, liberando as potências do instinto de posse e de domínio, e canalizando-as para a atividade criadora, artística e erótica ao mesmo tempo, dar-se-ia o retorno à cultura antropofágica, verdadeira suspensão da História, devolutiva da essência humana (NUNES, 1979, p. 48).

Em *A crise da filosofia messiânica* (1950), Oswald de Andrade associa o patriarcado e a sua cultura — como a divisão do trabalho, a apropriação dos

¹⁰ É a força impulsionadora do inconsciente. É a força que se exerce sobre o homem para que ele esteja sempre em busca de satisfazer suas necessidades primárias e primitivas, é o lugar que se encontra a fome, a raiva e as vontades sexuais e seus desejos (KUSNETZOFF, 1982).

¹¹ Se o inconsciente é guiado pelos impulsos do princípio do prazer, o Eu (Ego) precisa levar em conta os aspectos da realidade para que eles sejam satisfeitos de forma socialmente aceita, mediando os desejos provenientes do mundo interior com os recursos e oportunidades do mundo exterior (*Ibidem*, 1982).

frutos do esforço coletivo, do casamento monogâmico. — à formação do Estado e à gênese do ciclo da luta de classes, assim como à geração de um messianismo paterno que, movido pelo poder do pai, mantém o domínio de uma classe sobre a outra. É daí que surge, desta transferência, o ideal de uma divindade inspiradora, providencial, criadora e protetora da ordem social e universal, metafísica esta que triunfou hegemonicamente nas religiões monoteístas (NUNES, 1979). No matriarcado, as coisas se desenrolam de maneira oposta. O matriarcado é, por si só, uma cultura antropofágica, orgiástica (coletiva) e dionística (instintiva):

O Matriarcado inclui determinadas relações de parentesco (o filho de direito materno) e de produção (a propriedade coletiva do solo), correspondendo a relações sociais abertas (sociedade sem classes), incompatíveis com a existência do Estado. É uma forma orgânica de convivência, mais próxima da Natureza, atendendo aos valores vitais sintetizados na atitude antropofágica - a transformação do tabu em totem, como expressão afirmativa da práxis guiada por impulsos primários, ainda não reprimidos, e que se exteriorizariam, em sua natural pujança, na antropofagia ritual das sociedades primitivas (NUNES, 1979, p. 59).

Em *Totem e Tabu* ([1913], 1991), Freud lançou a ideia de que o tabu existe por conta da relação de sentimentos ambivalentes em relação ao objeto que futuramente se tornará tabu. Ou seja, há tanto sentimentos positivos quanto negativos sobre o objeto, sendo o tabu um veto irracional de um objeto sagrado ou proibido. Os sentimentos negativos serão rechaçados ao inconsciente, atormentando o homem que, por conseguinte, vai projetá-los ao mundo externo. Os sentimentos positivos serão lembrados como sinônimo de devoção daquele objeto. O totem, entretanto, por mais cercado de tabus que ele esteja, condiz a uma esfera natural, exterior ao homem, mas importante para o seu estabelecimento como comunidade, sendo através da digestão do animal totêmico — a violação coletiva desse tabu — que se formará uma cultura em volta dele. De acordo com Freud, a estrutura patriarcal está cunhada sobre o sentimento de culpa do parricídio original. Esta é a gênese da estrutura que deu origem à sociedade patriarcal de Oswald de Andrade.

Freud ([1913], 1991) demonstra que a devoração do *Pai da horda* foi a primeira assimilação e desta incorporação gerou-se o pacto civilizatório. Isto se

deu graças ao fato de o homem sempre ter sido um animal movido por pulsões (como todos os outros) até haver primeira coerção sexual, quando o Pai — violento e ciumento — tomou todas as mulheres apenas para si e expulsou todos os homens adultos da tribo:

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem-sucedidos, o que lhes teria sido impossível fazer individualmente (algum avanço cultural, talvez o domínio de uma nova arma, proporcionou-lhes um senso de força superior). Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo tinha sido sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força (FREUD, [1913], 1991, pp. 143-144).

Esse dia marcou a dissolução do pai primordial, porém, não diluiu a sua representação, que somente ficou mais forte com a sua morte. Logo, o sentimento de culpa tomou conta dos homens parricidas pela ambivalência de sentimentos que eles tinham por esse pai. Por um lado, amavam-no; por outro, odiavam-no. Tem sido através da elevação desse Pai morto ao nível de divindade e a um modelo a ser seguido que causou a gênese da cultura, bem como os primeiros assentamentos humanos que instauraram a lei — a proibição do assassinato — e estabeleceram uma religião a imagem e semelhança do homem, ou seja, do Pai-da-horda primitiva: “O banquete totêmico, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e celebração comemorativa daquela façanha memorável e criminosa com que tantas coisas começaram: as organizações sociais, as limitações éticas e a religião” (FREUD, [1913], 1991, p. 144).

Como pressupõe os desejos revolucionários de Andrade nessa época, o fim da estrutura patriarcal, teoricamente, também levaria ao fim do sistema capitalista porque o problema reside no Superego¹² paternalista que os mecanismos de defesa do Eu (Ego) tentam lidar, advindos dos conflitos internos

¹² Instância psíquica que veste os valores da cultura que o sujeito vive desde a sua tenra infância, como crenças, ideologias, preconceitos, incluindo proibições, regras e normas sociais (KUSNETZOFF, 1982).

do homem histórico. Sua resolução seria com o desenvolvimento de um Superego coletivo e não individual:

Numa sociedade onde a figura do pai se tenha substituído pela sociedade, tudo tende a mudar. Desaparece a hostilidade contra o pai individual que traz em si a marca natural do arbítrio. No Matriarcado é o senso do Superego tribal que se instala na formação da adolescência.

Numa cultura matriarcal, o que se interioriza na adolescência não é mais a figura hostil do pai-indivíduo, e, sim, a imagem do grupo social (ANDRADE, [1950], 1990, p. 143).

A eliminação dessa autoridade patriarcalista é, conforme os modernistas como Andrade propusera, a saída contra o domínio e a submissão cultural que o Brasil vivera por séculos, em prol de uma produção artística brasileira autônoma que viria com o rompimento da figura do pai, quando houvesse a “transformação permanente do Tabu em totem” (ANDRADE, [1928], 1990, p. 48).

Desta maneira, a antropofagia não apenas buscava a canibalização do que era estrangeiro em prol da valorização da cultura brasileira, mas procurava subvertê-los, distorcê-los, assimilá-los, fazê-los e torná-los próprios com uma identidade essencialmente nacional, essencialmente brasileira (RIVERA, 2019). Com esta constatação, é possível afirmar que o antropofagismo foi um dos primeiros movimentos a não só valorizar uma arte essencialmente tupiniquim, como também a própria psicanálise, uma psicanálise canibalizada, uma psicanálise antropófaga, ou seja, uma psicanálise essencialmente brasileira.

CONCLUSÃO

A antropofagia e a psicanálise conversam e contribuem entre si para um entendimento de humanidade que perpassa a esfera unicamente individual, prezando um caráter mais coletivo e macro da situação.

O ato canibalístico simbólico, diante do que foi exposto, é mais que um sentido de rompimento com os padrões patriarcais. O ato é necessário para o reconhecimento do homem como um ser humano dotado de valor. É através da assimilação (ingestão), ou melhor, da incorporação de outro homem que ocorrerá o mecanismo de identificação, uma identificação consigo mesmo,

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

dando vazão ao processo de assimilação de sua humanidade, força e capacidade. É quando o ser humano se deflagra com a sua própria imagem.

REFERÊNCIAS

AGNOLIN, Adone. Antropofagia ritual e identidade cultural entre os Tupinambá. *Revista de Antropologia*, v. 45, p. 131-185, 2002.

ANDRADE, Oswald de. A utopia antropofágica. *Obras completas de Oswald de Andrade*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

_____. A crise da filosofia messiânica. 1950. _____. A utopia antropofágica. *Obras completas de Oswald de Andrade*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. p. 101-147.

_____. Manifesto antropófago. 1928. In: _____. A utopia antropofágica. *Obras completas de Oswald de Andrade*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. p. 47-52.

BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlos. *De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil*. *Psychê*, v. 7, n. 11, p. 59-83, 2003.

FILHO, Duílio Battistoni. *Pequena história das artes no Brasil*. 3ª ed. Campinas: Editora Átomo, 2020.

FREUD, Sigmund. (1913-1914) - Tótem y tabú y otras obras (Vol. XIII). *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. *Introdução à Psicopatologia Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

NETTO, Adriano Bitarães. *Antropofagia oswaldiana: um receituário estético e científico*. São Paulo: Annablume, 2004.

NUNES, Benedito. Antropofagia ao alcance de todos. In: DE ANDRADE, Oswald. *A utopia antropofágica*. (Obras completas de Oswald de Andrade). São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. p. 5-39.

_____. O retorno à antropofagia. *Nuevo texto crítico*, v. 12, n. 1, p. 231-234, 1999.

_____. *Oswald Canibal*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

RIVERA, Tania. Uma psicanálise do outro. *Revista Cult.* São Paulo, ano XX, n. 249, set. 2019, p. 16-19.

RUSSO, Jane. A difusão da psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX—da vanguarda modernista a rádio-novela. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 2, n. 1, p. 51-61, 2002.

VASCONCELLOS, Jorge. Oswald de Andrade, filósofo da diferença. *Periferia*, v. 3, n. 1, 2011.